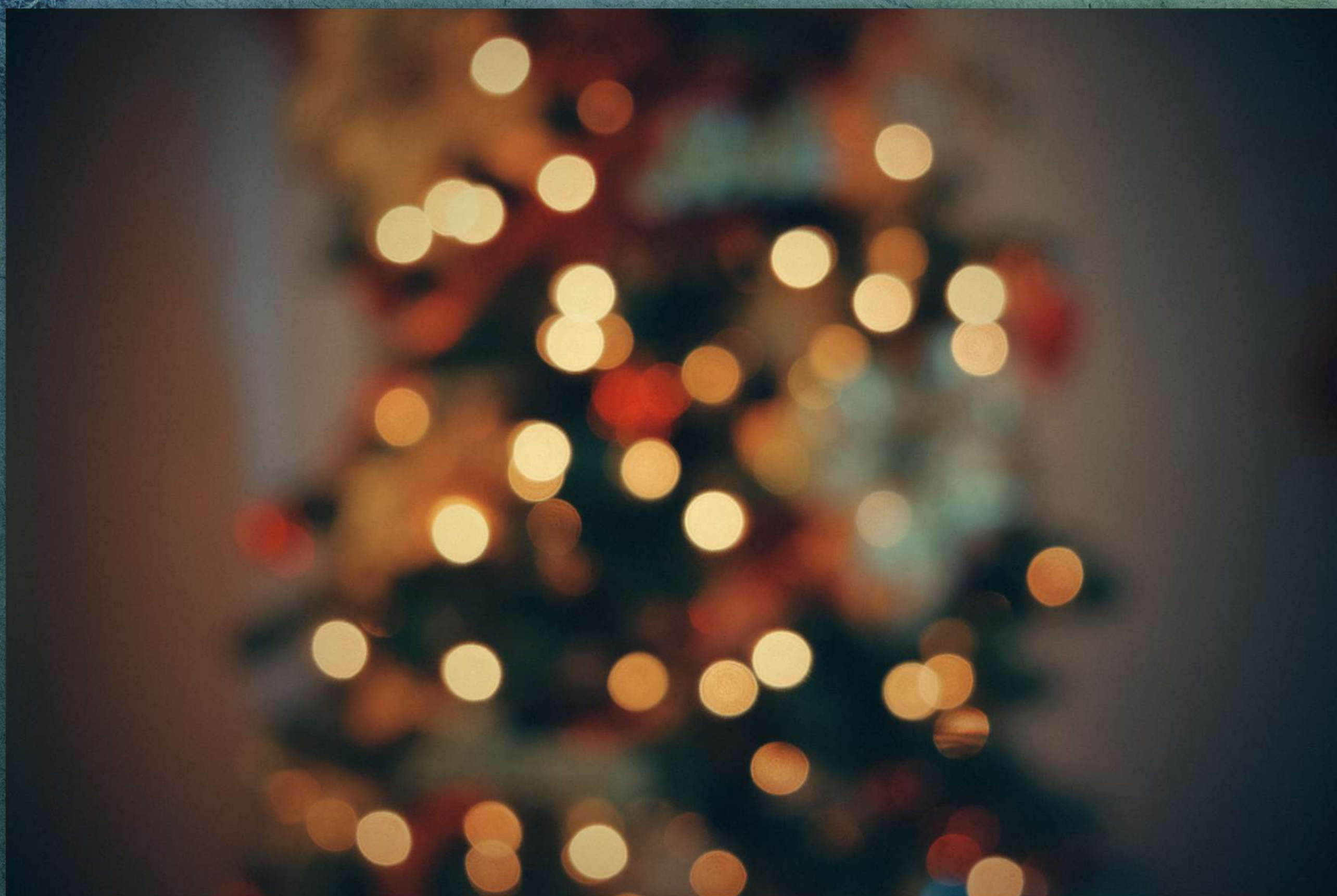


NATAL

ANTOLOGIA DE CONTOS DE NATAL

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA



APRESENTAÇÃO: ROSEANA MURRAY

ANA CECILIA DA MOTA - ANA PAULA MACIEL VILELA
ANGELA QUINTIERI- CRISTIANO MOTA MENDES - ELISA PEREIRA
EULÁLIA CRISTINA DE MENDONÇA - EVELYN KLIGERMAN
FERNANDO QUEIROZ - HELOISA DE SOUZA - JANIR LAGE DA SILVA
JIDDU KRISHNAMURTI SALDANHA - LÊDA ARISTIDES
PALOMA NAVARRO DA SILVA LOBATO
PATRICIA PEDROSA TRIPPODO



Feliz
Natal

Apresentação

O Clube de Leitura da Casa Amarela, que se reúne desde **2010**, durante a pandemia funcionou de forma totalmente on-line. A partir daí, abriu-se também para a escrita de seus membros leitores. Já lançamos seis livros digitais coletivos, todos disponíveis gratuitamente no meu site. São eles: “Cesta de Memórias” - “A Força das Pequenas Coisas”, “O Beijo”, “Luz e Sombra” e “Felicidade” “Gavetas” e agora esta belíssima coletânea de contos de natal, para fechar o ano de **2024**.

Roseana Murray
Saquarema, dezembro de **2024**

Para o Natal

Roseana Murray

Para o Natal reserve os mais belos gestos,
a dança mais cristalina,
escolha uma estrela longínqua,
que ainda não tenha sido descoberta,
para enfeitar a festa.

Embrulhe palavras com luz
e oferte a quem ama:
não há presente mais certo.

E que caibam na mesa
os que já se foram,
os que ainda não chegaram
e os que enchem a casa de sol.

Para o Natal pinte as mãos
com sua cor preferida
e distribua beijos
como vagalumes
para lembrar o homem
que nesta hora, em algum lugar
distante no tempo,
transformava água em vinho
e multiplicava os peixes

ÍNDICE

ROSEANA MURRAY - APRESENTAÇÃO:	PÁG 3 E 4
ANA CECÍLIA DA MOTA-	PÁG 5
ANA PAULA MACIEL VILELA-	PÁG 7
ANGELA QUINTIERI-	PÁG 9
CRISTIANO MOTA MENDES - PÁG X12	ELISA PEREIRA- PÁG 12
	ELISA PEREIRA - PÁG 14
EULÁLIA CRISTINA DE MENDONÇA -	PÁG 17
EVELYN KLIGERMAN-	PÁG 20
FERNANDO QUEIROZ -	PÁG 22
HELOISA DE SOUZA -	PÁG 25
JANIR LAGE DA SILVA -	PÁG 28
LÊDA ARISTIDES -	PÁG 32
PALOMA LOBATO -	PÁG 35
PATRICIA PEDROSA TRIPPODO -	PÁG 40
JIDDU SALDANHA - ORGANIZADOR:	PÁG 42

Ana Cecília da Mota



Nasci em Borda da Mata, rodeada por verdejantes montanhas, no sul das Minas Gerais. Acredito no poder de transformação da Educação. Sou professora, pedagoga e desenvolvo projetos de incentivo à leitura na escola onde atuo. Adoro o mar, viajar, ler e sou uma autêntica gateira. Os felinos têm lugar cativo no meu coração!



A Harpa e a Cristandade



Basta o tilintar dos primeiros acordes e sou transportada em um trenó cósmico para o inabalável túnel do tempo: infância. Memórias doces e ao mesmo tempo melancólicas. Quem nunca provou uma dicotomia de sensações e sentimentos, que atire a primeira bolinha vermelha brilhante de Natal!

Felicidade genuína a da Dona Ângela, quando chegavam as primeiras horas da manhã de vinte e cinco de dezembro. Momento em que o icônico vinil “A harpa e a cristandade” era colocado na vitrola, para que uma dançante, animada e talentosa costureira surpreendesse suas duas filhas que, ainda sonolentas, inadvertidamente pediam: “Para, mãe, abaixa o som!”.

A música durava até o almoço, onde, em uma mesa posta caprichosamente, estavam os mais lindos e saborosos pratos, feitos especialmente para a data. Comida de mãe é uma coisa de outro mundo...comida de mãe feita com tanto gosto e amor, como a da Dona Ângela, com receitas tradicionais que eram usadas uma vez ao ano nesta ocasião benta, é sublime!

Natal é isso, família!

Queira ou não, é a época do ano em que o ar fica mais leve! Ainda que todas as mazelas do mundo não se curem magicamente. Ainda que o capitalismo selvagem incuta o reducionismo do comprar, comprar, comprar. Ainda que hoje já não tenha mais a presença física da Dona Ângela, que revive em cada detalhe de um passado pleno de ternura e amor. E é por tudo isso, que a harpa e a cristandade jamais serão esquecidas!

Feliz Natal, mãe!

Ana Paula Maciel Vilela



Fisioterapeuta, especialista em plantas medicinais e instrutora de Lian Gong em 18 Terapias e outras práticas da medicina chinesa. Sente alegria em estar em casa rodeada por seus livros, plantas, bordados e Lucky, o cachorro que adotou a família há dez anos.

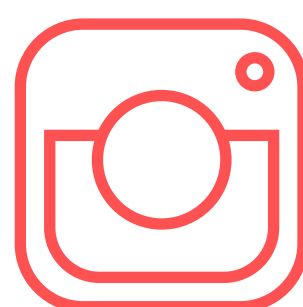
A escrita faz parte de sua identidade desde adolescente utilizando a narrativa em diários e cartas como experimentos para desenvolver seus textos.

Participou de antologias diversas e de e-books desenvolvidos junto ao “Clube de Leitura da Casa Amarela”, coordenado pela escritora Roseana Murray, disponíveis em <https://jidduksonline.com.br/ornitorrincobala-casa-amarela/>

Mineira de Ituiutaba, reside em Belo Horizonte.

Blog: apalavranoinstante.com.br

Instagram: @anapaulamacielvilela



Enguiço



Um estouro seguido de um sacolejar e o motor do ônibus parou. Cerca de doze pessoas ruidosas e estridentes silenciaram interrompendo o assunto da hora e, com olhares curiosos, se interrogavam fitando o banco do motorista.

- Permaneçam em seus lugares. Não deve ser nada sério - com o cenho franzido e fisionomia contrária à sua fala, desceu do ônibus para diagnosticar o ocorrido. Ricardo e Alexandre ocupavam os últimos assentos, se olharam e riram enquanto uma barra de chocolates era retirada da meia de um e um saco de balas Soft de dentro das calças do outro.

Lojas Americanas lotada naquela época do ano era a melhor oportunidade para passear pelos corredores das guloseimas. Pura travessura, a adrenalina nas alturas enquanto escondiam nas roupas os objetos do desejo. Tinham dinheiro para comprar caso fossem apanhados, mas que graça teria?

Foram interrompidos pelo motorista arfando enquanto subia as escadas do ônibus:

- Pessoal, sinto muito, mas o problema é sério. Já que não tem nenhum orelhão por perto, vou até a casa da esquina usar o telefone para pedir o socorro. Alguém que está perto do destino final prefere descer e terminar caminhando? Sugiro que os demais permaneçam aqui.

Um casal mais velho preferiu descer, os demais não estavam preocupados com a hora.

Logo as conversas foram retomadas e as balas e chocolates consumidos pelos primos.

Passado um bom tempo, nem sinal do motorista. Lembraram que já deveriam estar de banho tomado na casa dos tios, afinal era véspera de Natal. Os pais já deviam estar bravos com o atraso dos dois.

Começaram a chamar, bater na lataria do ônibus e virou uma algazarra, todos aderiram ao clamor. A porta da casa verde da esquina se abriu e viram o motorista sorridente com um copo na mão e atrás dele algumas pessoas se dirigiam ao ônibus. Foram servidos Guaraná Paulista e salgadinhos diversos. Todos muito sorridentes desejando feliz natal. Virou uma festa e parecia que todos se conheciam há tempos.

Um clarão iluminou a esquina, um gritou que era Papai Noel chegando e logo o outro ônibus estacionou.

Ainda hoje se lembram dessa história, uma das muitas vividas pelos dois. Uma véspera de Natal atípica, com certeza.

Angela Quintieri



É bióloga (sua paixão), é Professora de Ciências e foi Diretora de Escola durante 23 anos no Complexo do Alemão.

Foi lá que aprendeu a ouvir, respeitar e a silenciar sem baixar a cabeça.

Sempre gostou de ler, mas gosta ainda mais, quando passou a fazer parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.



Por quem os sinos dançaram e cantaram nesse meu natal

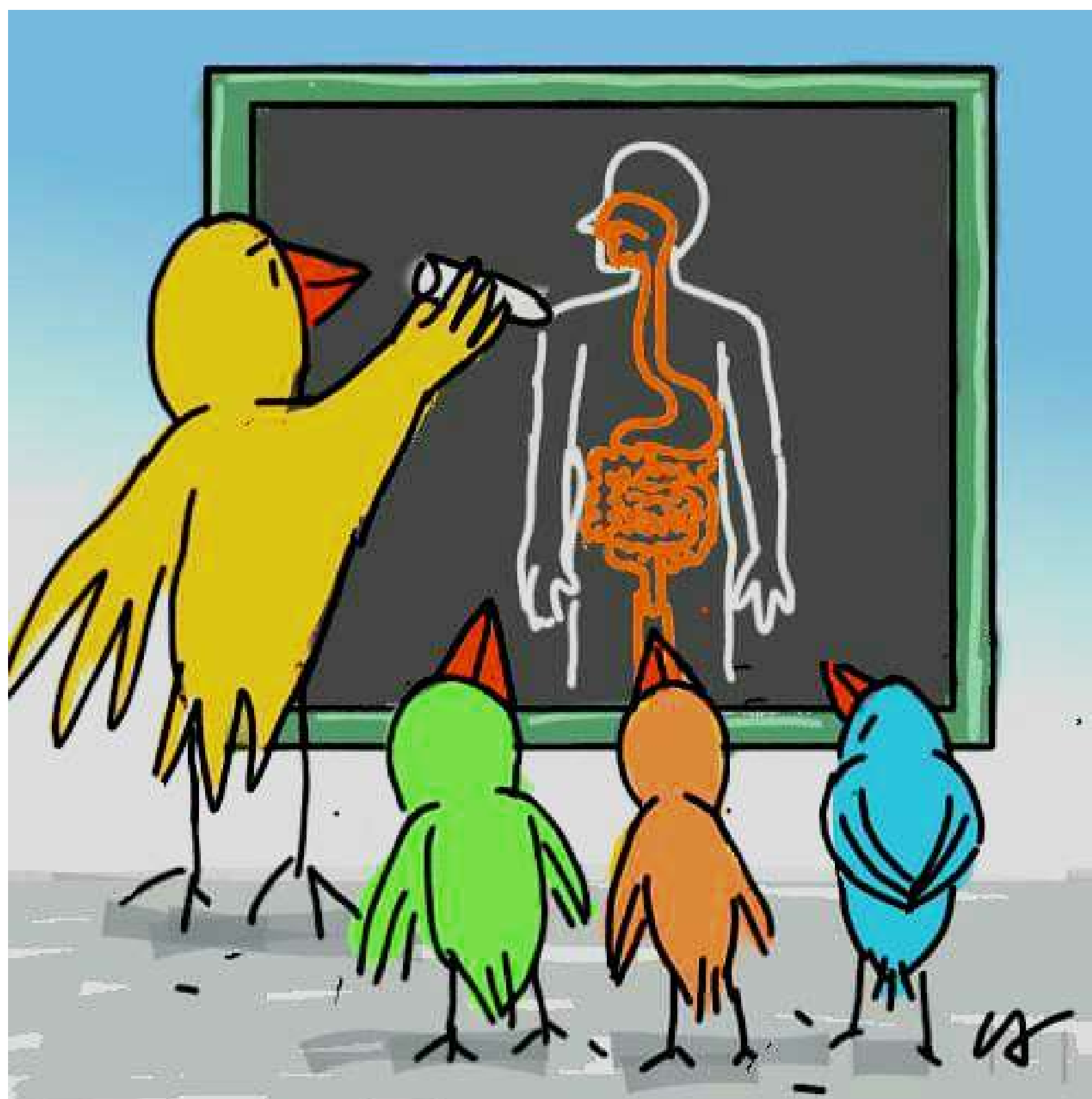


Ilustração: Caó Cruz Alves

O Natal lembra família, lembra amor, lembra um bebezinho que nasceu, cresceu e se tornou o melhor homem que andou por esse mundo.

Não existe NINGUÉM igual a ele.

Por causa dele, o Natal lembra música, lembra festa, lembra sorrisos ao redor de uma mesa enfeitada com toalhas coloridas de vermelho.

O Natal lembra a ansiedade das crianças procurando quando acordam, o seu presente que pediram para o Papai Noel.

O Natal lembra as lágrimas de emoção das estrelas cadentes nos seus movimentos brilhantes.

O Natal, lembra pessoas que se amam. Elas podem ser grandes ou pequenas. Elas podem estar presentes na festa ou morando em outros lugares, mas o sentimento é sempre o mesmo.

Mas, sobretudo, o Natal lembra pessoas que amamos, e não podemos mais ver fisicamente, mas que ainda podem estar presentes quando deixamos o nosso pensamento e a nossa imaginação viajarem.

Durante toda essa viagem, as lembranças dessas pessoas, podem chegar embrulhadinhas também, em papel de presente bem colorido.

Elas só não podem ser distribuídas fisicamente, mas se pudermos contar sobre o que fez o nosso coração acelerar durante toda a viagem, elas podem ser compartilhadas e doadas através do laço afetivo, ou da sensibilidade de cada um.

Sendo assim, olhei e pedi licença ao menino do Natal para falar sobre e com alguém que trocou de lugar há muito tempo, mas que marcou a minha vida para sempre.

Oi meu amigo!

Hoje me lembrei de você. Me lembrei de sua imensa paciência, de sua presença marcante, e de sua criatividade enquanto desenhava. Eu me lembro como você andava silenciosamente entre as nossas mesas sempre atento aos nossos desenhos.

Eu tinha 13 anos e amava as suas aulas, eram cheias de histórias e de muitos exemplos. Estou falando de você, meu professor tão diferente e especial.

Quero contar uma coisa muito linda que me aconteceu hoje pela manhã.

Fui acordada muito cedo pelos sinos de Natal que cantaram e dançaram por alguém com muita alegria.

Fiquei curiosa, fiz uma única pergunta pra eles e amei as suas respostas.

Então se você quiser saber por quem os sinos cantaram e dançaram nesse meu Natal, eu falo com todo o meu amor:

Eles CANTARAM E DANÇARAM por você PROFESSOR JOSÉ VALENTIM, meu Professor de Ciências.

OBRIGADA POR TUDO QUE VOCÊ ME FEZ ACREDITAR.

FELIZ NATAL, com todo o amor, da sua aluna.

Cristiano Mota Mendes



Nasci em Sao Luís do Maranhão. Os primeiros passos na música vieram da voz de minha mãe. Aprendi a ler deitado numa rede e as palavras me diziam outros sentidos. Depois é que veio o mundo





Nasci no dia **24** de dezembro de **1958** em São Luís do Maranhão. Em nossa casa não existia Natal sem cantoria. As canções que a gente cantava não eram natalinas. Rolava muita MPB. Mas tinha aquela do Assis Valente. Anoiteceu o sino gemeu e a gente ficou feliz a rezar. Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel. Tem gente que fica deprimida no Natal. Eu entendo. Tem uma coisa estética e ética que sempre me incomodou na figura de Noel. As risadas, a chaminé, as renas, sempre senti um enjoo com essa parada. As pessoas comiam muito na noite do dia **24** e no dia seguinte. A vizinhança colocava canções natalinas nas radiolas de gosto duvidoso. “Por que é que Papai Noel não se esquece de ninguém? Seja rico ou seja pobre o velhinho sempre vem.” E que foi a Coca Cola, numa campanha publicitária do refrigerante, que lançou a roupa vermelha. O que não entendo é o que Jesus Cristo tem a ver com isso.

Elisa Pereira



Sou educadora, mãe, avó e esposa do Leopoldo.
Moro em uma chácara no interior de São Paulo onde a natureza nos abraça.
Adoro ler, cinema, viajar, cozinhar e receber minha família e os amigos. Um copo de vinho e uma bom papo alegram a minha vida.



Conto de Natal



Reza a lenda que Ele nasceu trazendo a Boa Nova. Não sabemos muito quando, mas graças à convenção do calendário comemoramos seu nascimento no dia 25 de dezembro.

Não importa o dia verdadeiro, mas importa que o mundo se dedica a celebrar esse Menino iluminado, que nasce trazendo esperança a essa humanidade frágil, débil e carente. O pequeno Jesus traz amor, perdão, possibilidades...Como gosto desse calendário, que por mais arbitrário e convencional, nos traz a possibilidade de pausar. É bom ter tempo para refletir, agradecer, adorar, descansar e se preparar para recomeçar.

Sempre em gratidão por poder amar sem limites, reconhecer nossa finitude e saber que na esperança podemos perdoar e recomeçar.

Natal, tempo de gravidez, de espera iluminada, de amor incondicional. Tempo de olhar à volta, ajudar a quem precisa, acariciar um amigo, abraçar um irmão. Tempo de luz, de festa, de brindes, de presentes, de acolhimento, de amor.

Natal, que Charles Dickens em seu “Conto de Natal”, de 1853, fez florescer, tal como comemoramos hoje. Não me queixo, nem faço críticas, pois gosto como é.

Natal, que na minha infância era celebrado na casa dos meus avós paternos. Sempre com a mesma árvore de Natal, com enfeites importados. Lindos, frágeis, coloridos e intocáveis pelas mãos das crianças. Um quarto fechado guardava o segredo do Papai Noel. Nunca nem reparei que esse quarto ficava fechado naquela noite, até que aos nove anos minha curiosidade ascendeu. Reparei nos papéis e fitas que envolviam os presentes, os cartões e... vi tudo isso lá em casa.

Bom, saí cheia de certezas e poder a dizer: sei que Papai Noel não existe, por isso, isso e isso. Logo minha querida tia e madrinha Lena me abordou carinhosamente: “então, foi bom acreditar nessa magia, não foi? Agora esse será nosso segredo, você cresceu e será minha ajudante. Vamos deixar os pequenos sonharem.” Eu era a neta mais velha e me senti, absolutamente poderosa.

Quanta sabedoria, delicadeza e afeto para calar essa fedelha pretensiosa, que acabara de pular um patamar na sua existência.

Amor e gratidão eternos à tia Lena, à minha família e ao menino Jesus, que é o centro desta festa.

Hoje, como minha avó, faço minha árvore de Natal com os mesmos enfeites. Sempre coloco algo confeccionado por cada um dos meus netos. Como sempre viajamos em outubro trago alguma novidade para a árvore e celebramos o Natal com muito amor e esperança de tempos melhores.

FELIZ NATAL

Eulália Cristina de Mendonça



Olá, sou Eulália Cristina de Mendonça, caminhante pelas searas da Educação Pública no Município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Hoje Orientadora Pedagógica, ontem, trabalhava com crianças da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e com os Universitários.

Bacharel em Pedagogia pela Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) com algumas especialidades: Docência Superior, Administração Escolar, Psicopedagogia e, recentemente, Psicanálise Clínica.

Trabalhar com Educação de crianças em vulnerabilidade social é o que me move e me acorda todos os dias! Nesse caminho a **34** anos.



Entre Janelas de Natal



A pequena debruça e contempla a lembrança de cada detalhe do teto frio. As ranhuras, os bocais a simetria inexistente. A cabeça trabalha de forma incessante e oblíqua lembrando do Natal passado.

As presenças cada vez mais ralas e as faltas marcam física e emocionalmente como se fosse a primeira vez assim. Poucas luzes e símbolos fazem parte dessa reunião, mas alegria e o otimismo, tão presentes na forma de ser da pequena, agitam e alegram o ambiente.

Planos e arranjos para a próxima semana já povoam sua mente. Viagens, encontros, projetos para a casa, a academia, dieta, tudo combinado consigo.

Tola pequena, imaginando que alguma coisa está sob seu controle. Imaginando que o registro no papel garante alguma coisa.

Aquele teto dizia que a doença a trancara no hospital pela terceira vez neste ano. Que o sangue inserido em seu corpo só demonstra o quanto dependente de outros e como a vida é frágil.

cama de hospital mostra sua bocarra pronta para engolir a pequena. Quanta força, retirada de onde não se sabe, é necessária para que ela não a vença.

Estímulos externos vem e vão, calibram a necessidade de continuar na luta. Pessoas que a amam mostram a dor chorando ao seu lado. Com olhos fixos encaram a pequena. Médicos, enfermeiros, faxineiros, copeiros, todos já sabem seu nome e o quanto ela precisa de amor.

Pessoas tantas entram e saem dos quartos que ela habitou, tendo de fazer filas. A pequena se alegra muito por isso. Sente-se rodeada e querida como numa coroa de luz que fagocita seu corpo. Parece protegida pelos céus! Sente alívio, sente uma onda amor enorme! A escuridão se afasta dando lugar a uma força vital inexplicável. A cama não gosta. Faz tudo para manter a pequena em sua garganta. Quase consegue.

Etapa vencida e esperança renovada na nova vida adaptada. A alegria volta a estampar o rosto dela. A esperança está a sete meses à frente.

Ânimo renovado, planejamento feito e toda a positividade e orações de todos os mundos espirituais a fazem ter certeza do seu sucesso. Segunda cirurgia feita. Felicidade transborda quando a pequena leva a mão em seu ventre e não encontra o incomodo volume. Ela sorri e sente alívio!

Mal sabia que a cama também se preparou. Dois dias após a alta hospitalar, volta com uma septicemia maiúscula. A morte aliada aquela cama gargalhava alto nos ouvidos de todos. A esperança esvai-se como a consciência. Na memória somente as lágrimas do filho povoam sua mente, a face de sua mãe, os olhos e a mão da filha, cada imagem dos amigos queridos misturados ao som enlouquecedor e incômodo do CTI.

a primeira etapa a luta foi desesperada, entraram sondas, jugular invadida, sangue alheio, nora adrenalina e uma infinidade de lágrimas deixadas naquele leito. Na cabeça reverberava “Não deixa cama te engolir! Não deixe a cama te engolir!”.

Com todo emaranhado de cuidados e amor a pequena conseguiu! A segunda cama lhe esperava. Faminta, sedenta e preparada. Nelas foram vinte e oito dias daquele teto frio e cheio de ranhuras.

Quase dois meses depois a pequena se encontra num misto de desânimo e um cavoucar de força que alimente a sua esperança. Sente-se culpada por pensar em seu cansaço e no tamanho da próxima luta! Outra cirurgia que pode não dar certo. A vida adaptada podendo ser até o final da vida. Vale a pena fazer tanta gente sofrer com esta expectativa? Pensa se ainda tem tanta fome de viver.

As saudades que teve foram das coisas que ainda não viveu. Imaginou o rostinho dos seus netos. Os passinhos e o amor grande que ainda nem existe. As brincadeiras, os cheiros, as comidinhas. Momentos tão desejados.

As viagens e festas com seus amores. Quanta dó de perder o que ainda não veio! Da janela, a pequena inicia a lista de presentes e afazeres de Natal sem perspectiva, sem querer planejar, sem acreditar no escrito. Quanta diferença entre uma e outra janela de Natal!

Já não quer presentes nem planos. Quer presença e conagraçamento com quem vier. Se estará mais ralo e pálido do que o Natal passado, para ela não fará diferença porque continuará cavoucando a esperança e a crença de que um dia tudo voltará ao normal em sua vida.

Que o espírito de Natal abençoe e alimente o esperançar dessa pequena.

Evelyn Kligerman



Sou escultora e ceramista de alma, amor e profissão. O Clube de Leitura da Casa Amarela me trouxe a recente paixão de escrever microcontos. E graças à Roseana Murray e Jiddu K. Saldanha, oferecemos esse lindo e-book de Natal.



Cada fim de ano, a mesma sensação.



Caminhava pelas ruas enfeitadas, pelas inúmeras luzes acesas e queria participar disso.

Na sua família não havia troca de presentes, a família não se reunia, nenhuma ceia, e não tinha o faz de conta de família feliz.

Sim, sua casa era tão diferente. Gostava e não gostava disso. Queria ser igual aos amigos, mas ser ímpar chamava a atenção. Era bom.

Essa diferença marcou a sua vida. Uma tatuagem invisível.

Mas nada a impedia de dizer as duas palavras, sem peso para ela:

Feliz Natal!

Fernando Queiroz



Nasceu em Niterói - RJ. Graduação em Administração de Empresas (Faculdade Mackenzie Rio), MBA em Gestão de Recursos Humanos (PUC-Rio), pós-graduação em Filosofia e Autoconhecimento (PUCRS) e pós-graduação em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia).

Possui textos publicados em algumas antologias e concursos, tais como: Casa Brasileira de Livros (Semifinalista do Concurso Internacional Pena de Ouro, em duas edições), Selo Off Flip e Clube de Leitura da Casa Amarela.



Ajudante do Papai Noel



Pedrinho, sete anos, vivia a expectativa de ganhar, no Natal, o tão desejado kichute - uma mistura de tênis e chuteira, muito popular entre os meninos da escola. De cadarços imensos, alguns meninos amarravam-nos entrelaçados nas canelas antes dos laços; outros passavam os cadarços pelos solados, fazendo os laços tradicionais sobre as gáspeas. O Natal seria na sexta-feira e, já na segunda, Pedrinho, perguntava:

– Manhê, falta muito para o Natal?

E assim a semana seguiu, com o menino contando os dias que faltavam para o tão esperado momento de receber seu presente.

Ficou combinado com a mãe que ele colocaria seu calçado antigo, o conga, na janela para que Papai Noel soubesse o que ele queria. Contando os dias: segunda-feira, terça-feira, quarta-feira... Na quinta-feira, véspera do Natal, Pedrinho perguntou, logo cedo:

– Manhê, falta muito...

Antes que ele terminasse a frase, a mãe respondeu:

– Não, meu filho, falta pouco, será amanhã.

À tarde, novamente ele perguntou:

– Manhê, falta muito para amanhã?

– Falta pouco, Pedrinho. Você vai dormir e, ao acordar, será amanhã. Já colocou o par de tênis antigo na janela? Papai Noel estará muito ocupado com as entregas. Ele precisa saber o que você quer.

– Sim, mãe, já coloquei!

Então, ao anoitecer, o menino tomou banho, arrumou suas coisas, jantou, tudo feito mais depressa que de costume. Assim, ele poderia ir para a cama com a expectativa de ver o novo dia chegar logo e, enfim, receber o que tanto desejava. Escovou os dentes e despediu-se:

- Bença, mãe!
- Meu filho, vai dormir mais cedo hoje?
- Estou com muito sono, mãe!

E, serelepe, foi para o quarto. Porém, o sono não vinha. Teve, então, uma ideia: flagrar Papai Noel deixando o presente na janela.

Já era madrugada quando Pedrinho ouviu um barulho pela casa. Silencioso, pé ante pé, foi espiar o que estava acontecendo e viu sua mãe retirando o par de tênis que ele havia deixado na janela e colocando uma caixa sob a árvore de Natal.

Ao amanhecer, Pedrinho notou que a porta da sala estava fechada. Lá dentro, a árvore de Natal guardava o seu presente. Andando pela casa, chamou a atenção da mãe, que disse:

- Pedrinho, venha tomar o café da manhã aqui na cozinha.

Ele respondeu:

- Estou indo. – E perguntou em seguida: – Manhê, hoje já é amanhã, né?
- Meu filho, “amanhã” foi o que mamãe disse ontem; hoje é hoje!

Ao terminar o café, o menino correu até a sala, abriu a caixa e, imediatamente, calçou o tênis. Andou de um lado para o outro, admirando os pés no espelho e evitando encostar-se em qualquer coisa, para não arranhar o calçado novo. Radiante, surpreendeu a mãe com a seguinte frase:

- Eu vi quando a senhora colocou a caixa embaixo da árvore...

A mãe, pensativa, lamentou consigo mesma: Meu filho já está cético quanto à existência de Papai Noel...

Mas Pedrinho completou:

- Descobri que a senhora é ajudante do Papai Noel!

Heloisa de Souza



Heloisa de Souza, atua na educação antirracista há **31** anos. Escritora, mãe e filha de Acedina Maria de Souza. professora de Língua Portuguesa e Literatura da Educação Básica, moradora de Saquarema. Ama, sobretudo a Literatura e as relações que estabelece a partir dela, seja com os alunos, seja com os amigos que a arte lhe deu.



Memórias de um Natal



Embora a casa estivesse como ela imaginava, abandonada, se surpreendeu, ao abrir a porta da sala, com o cheiro de mofo e madeira úmida que envolvia o ambiente. Os móveis ainda estavam lá, cobertos por uma grossa camada de poeira. E no canto da sala, pendurado em um fio quase rompido, um festão forçava a lembrança da última festa daquela casa: o natal.

Desde que abrisse a porta, todas as lembranças insistiam. As fitas vermelhas desbotadas, o brilho dourado agora opaco, era o mesmo que ela ajudara a pendurar anos atrás, quando a família inteira se reunia para a ceia. Esta visão trouxe uma enxurrada de memórias.

Ela podia ouvir as risadas sobre a briga de usar ou não passas em todos os pratos, as brincadeiras de amigo oculto, o bingo e tudo mais que a tradição familiar mandava.

Tocou o festão com delicadeza, como se temesse desmanchá-lo. O brilho em seus olhos agora era outro, lembrou que em meio a tantas risadas, havia palavras que não eram ditas, sentimentos guardados para evitar o confronto, o choro sempre na garganta, mas na superfície, tudo era festa!

Depois da morte súbita da mãe e do pai, da viagem do único irmão com toda sua família, e com o fim de amor que ela acreditava eterno, desfeito por mágoas e silêncios acumulados, sentia que a casa, parecia refletir o estado dela mesma: desmoronada, esquecida, um eco do que já foi.

Foi quando, em meio de todo aquele turbilhão de sentimentos, ouviu um leve barulho parecendo vir da varanda que era toda fechada pelas grades que nos trancam para fora do mundo, pensou ela. Encontrou um pequeno pássaro que se debatendo no chão, desesperado, já sem forças.

Percebeu, que em meio ao abandono, um pássaro qualquer havia feito um pequeno ninho em cima da guirlanda envelhecida, e que provavelmente, com o movimento de fechar a porta, seu filhote caíra. Pegou-o do chão, foi ao interior da casa pegar sua bolsa. Fechou a porta e o recolocou em seu ninho.

Aquele pequeno ato a lembrou de algo que ela havia esquecido: ainda havia vida. Ainda havia coisas que podiam ser salvas. Os espaços são preenchidos por outras vidas, e sempre o ciclo recomeça. Quis agradecer ao pássaro, pela lição, mas ele, indiferente, tentava se acomodar naquele ninho que, agora ela imaginava ser um quase milagre, nem o vira quando chegou, tão cheia de medos e angústia.

Respirou fundo, fechou o portão, pisou na calçada e pela primeira vez em muito tempo, sentiu um sopro de esperança.

Janir Lage da Silva



Nasci em Petrópolis, Cidade pela qual sou apaixonada. Aposentei há dois anos como professora, mas a escola não saiu de mim. Por isso voltamos a nos encontrar esse ano. Não satisfeita voltei a estudar. Estou fazendo uma graduação em Ciência da Felicidade com o objetivo de poder entendê-la e quem sabe até encontrá-la. Nas horas vagas e ocupadas também bordo, bordo, bordo, pássaros, flores, bichos, luas, estrelas e principalmente palavras, que resultaram nas seguintes publicações: Livro de Crônicas Coração Alfabetizado, Editora Bem Cultural. Participações nos livros Cartas para o futuro e Nós do selo Off Flip. Eu crioulo (a), diga não ao racismo, editora MWG. Nas antologias de contos e crônicas do Clube de Leitura da Casa Amarela: O Beijo, A Força das Pequenas Coisas, Luz e Sombra, Felicidade



Lado a Lado



O menino deixou que o homem gordo descesse do ônibus na sua frente. Parecia estar com pressa. O menino não. Só estava indo à festa por insistência da professora.

“Você vai gostar. É uma época muito bonita “.

Ele ouvia e pensava: bonita para quem?

Com certeza para ela que já devia estar com a árvore de Natal montada, os presentes comprados, a ceia pensada.

Para ele era uma época de nada.

Por muito tempo a mãe fizera questão de escondê-lo daquela data. Qualquer contato seria extremamente perigoso, advertia o bom senso dela que sabia que não encontraria nenhuma resposta para dar ao filho, sobre aquela fantasia tão necessária à vida, mas que não fazia parte da deles.

Ele descobriu por acaso, quando exatamente no dia de Natal foi com ela entregar uma trouxa de roupas lavadas e passadas com um esmero exagerado, na esperança de ganhar mais uns trocados para comprar batatas. Nunca entendeu porquê batatas, já que soube depois que é um dia de frangos, perus, lombos de porcos.

Lembrava muito bem da estranheza da família quando chegou uma lavadeira, uma trouxa de roupas, um filho. O dono da casa puxou algumas notas do bolso que parecia ter espaço para muitas outras não se incomodando com aquelas que estavam saindo.

Ele reparou em tudo.

O que era aquilo? Era uma comemoração?

Quando vieram embora, ele pediu uma explicação à mãe sobre o que tinha visto. Aos poucos foi prestando atenção e entendeu tudo. Foi um violento rito de passagem da inocência para o ódio que ele passou a ter por todos os Natais que tinha perdido. Todos aqueles presentes que viu embaixo da bela árvore colorida na sala, eram presentes que se ganhavam no dia de Natal? E por que ele nunca tinha ganhado um?

De repente se viu abrindo caixas e mais caixas imaginárias que foi empilhando junto ao seu coração. Para proteger-se nunca mais pensou em Natal. Doía muito. O homem gordo agradeceu ao menino. Realmente estava com pressa. Gastava muito tempo para se caracterizar. Sempre foi assim, desde que na empresa em que trabalhava, foi convidado para ser o Papai Noel porque a pessoa contratada não apareceu.

Levou o maior susto. Ele ser Papai Noel? Não gostava nem de Natal! Não tinha boa lembrança da data.

Lembrou que a mãe pedia para a madrinha, avós e tias roupas e sapatos tão necessários enquanto ele sonhava com brinquedos.

Na sua cabeça de criança, poderia perfeitamente brincar nu. Empurrar uma variedade de carrinhos, andar na bicicleta tão sonhada, jogar bola com os amigos. Ninguém iria reparar. Pelo contrário. Iriam reparar numa criança toda arrumadinha pedindo um brinquedo pelo amor de Deus.

Mas, por incrível que pareça ouviu sair um “sim” da sua boca aceitando.

Depois da primeira vez começou a hospedar uma barriguinha, que logo virou um barrigão. Deixou também a barba crescer para ser um Papai Noel que encantasse a todos.

Começou a receber muitos convites para ir a muitos lugares nessa época. O pagamento exigido era que tivesse brinquedos para todos.

Nesse dia iria à escola do menino. A pressa era porque gostava de ver com olhos de criança, os presentes que queria dar. Assim saberia combiná-los com o desejo da criança.

Sem se verem de novo, homem gordo e criança entraram na escola. A quadra já estava cheia de crianças. A ansiedade de plantão nos ombros dos menores. Os maiores pagavam para ver, porque já tinham começado a perder a inocência.

O inspetor organizava tudo. Aos poucos foi conseguindo que ficassem em silêncio convidando-os a ouvirem algum som. De repente todos começaram a ouvir um sino bem longe. É preciso silenciar todo o corpo, virar estátua para ouvir de novo, de novo, de novo.

De repente, todos olham para o alto da quadra e lá está ele. As estátuas se erguem e levitam seguras pelo fio mágico do Natal, ficando assim por inacreditáveis minutos até voltarem para o chão.

Crentes e descrentes gritam: PAPAÍ NOEL!

O menino ouve um barulho ensurdecador de tambor e descobre que é do seu coração que parece querer sair do peito.

Todos passam por ele para pegar os presentes. Ele não consegue nem andar. É preciso que a professora o pegue pela mão e o coloque na fila.

“Não falei que você ia gostar”?

Ele é o último. Papai Noel o olha com um olhar de encontro adiado e silenciosamente lhe pede perdão por todos os Natais em que não esteve presente.

Procura um presente para ele. Vê uma caixinha de música com um Papai Noel sorrindo. Quando a chave atrás dele é virada ouve-se uma música maravilhosa. Tem certeza de que não tinha visto aquele presente antes mas achou-o perfeito para o menino.

Entrega-o para ele e fazem as pazes.

Lêda Aristides



É do Rio de Janeiro, carioca, mãe de 2 filhos e gosta de bichos. Em pequena, brincava de Professora com as bonecas. Criava histórias em mini livrinhos, feitos de sobras de papel, da gráfica do pai. Os retalhos, das costuras da mãe, viravam figurinos para o teatrinho com os primos. Hoje aos 74 anos, é Professora-Aposentada de Literatura e de Teatro na Educação. Publicou 5 livros para crianças sobre bichos e medo de monstros!

Na área acadêmica ganhou o Prêmio de Monografias Anísio Teixeira, nos anos de 2005 e de 2008.”

Atualmente, faz parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.



Vésperas de Natal



Olho as fotos antigas e as lembranças me retornam à memória, como se fosse ontem...

Estávamos na casa de praia e o Natal se aproximava!

Então...mais uma vez ele experimentou sua roupa de Papai Noel!

A barba branca ele começava a cultivar alguns meses antes das Festas Natalinas.

E, à medida em que o Natal se aproximava, as crianças pequenas - que, com ele, cruzavam no caminho do elevador, da praia ou das ruas, olhavam para ele e para sua barba, com olhos intrigados.... “Você é o Papai Noel?” Perguntavam, em silêncio, aqueles pequeninos olhos indagadores e desconfiados..

Ele, de natureza tímida, escondido debaixo da barba, respondia àqueles olhos infantis com uma piscadela marota e um sorriso dúbio, alimentando a fantasia dos pequenos. E, então, com os olhos brilhantes, levava o dedo aos lábios, como quem compartilhava um segredo e aquiescia com a cabeça, dizendo que sim, em silêncio!

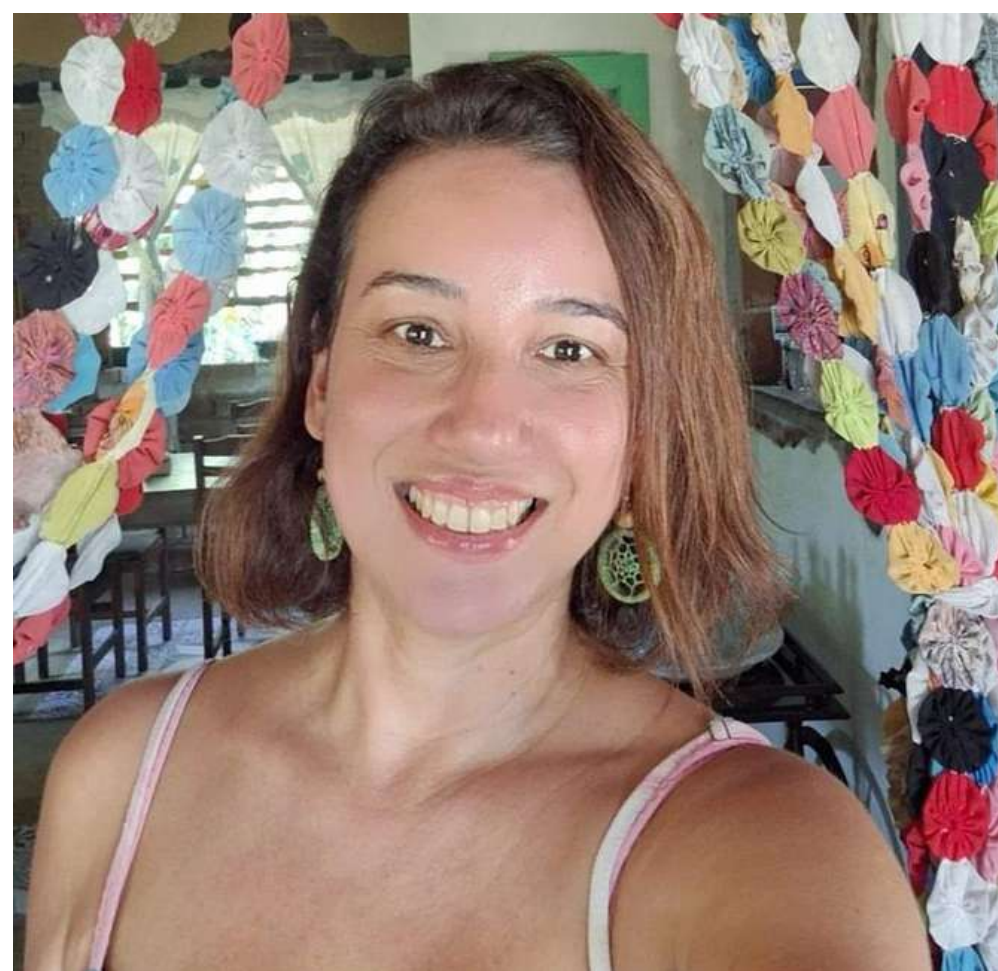
Então, as crianças seguiam caminhando, olhando incrédulas para trás, portando agora um segredo: o Natal estava próximo! Papai Noel já havia chegado... Eles sabiam, porque cruzaram com ele pelas ruas...

Nas Noites de Natal, por muitos anos, ele se vestiu de Papai Noel, em nossas noites Natalinas e dava início aos festejos da família.

Nesta foto, num dos seus últimos Natal, com “nossas crianças” já quarentonas, sentamos à mesa para a Ceia, orgulhos de que um Papai Noel, de verdade, vinha ceiar conoco todos os anos! E, sentava-se à mesa, como se fosse um de nós....

Uma homenagem para “nosso” Papai Noel
Fernando Fonseca.
In “Memoriam”

Paloma Lobato



Paloma Navarro da Silva Lobato é filha de uma professora inspiradora, mulher amorosa e justa. Pai falecido, muito trabalhador e humano. É mãe de uma jovem realista e ao mesmo tempo se interessa pelo céu e seus mistérios e de três filhos caninos. Também tem a sorte de ser irmã de mulheres fortes, bem diferentes umas das outras, então cresceu amando a diversidade. É tia e madrinha de seres humanos que dá esperança no futuro. É Orientadora Pedagógica e professora em Duque de Caxias desde **2006** e **2007** respectivamente. Escreveu e publicou nesse ano de **2024** seu primeiro livro infantil: “Para onde vamos?”.

Plantou uma árvore na Vila dos Arcanjos em Bocaina de MG. É carioca, ama viajar, conhecer lugares e pessoas. Sonha e age na direção de um mundo melhor.



O sentido do Natal



Toda noite de Natal era uma alegria! Família reunida, conversas e brincadeiras, ceia farta, cheiro de rabanada, bacalhau, peru em meio à troca de presentes e a tão, super, mega esperada presença do Papai Noel.

Há sete anos era assim. A criança dizia seus desejos para a sua mãe, depois começou a escrever cartas ao Papai Noel e teve um ano, com a tecnologia mais avançada, que ela até recebeu uma mensagem de voz do Papai Noel. Foi incrível! Os olhos dela brilharam com a interação que nunca acontecera antes.

Toda noite de Natal, à meia noite, os sinos do trenó tocavam e a menina corria para procurar seu presente especial e tentar ver e tocar no Papai Noel.

Papai Noel era a única referência de pai da menina, pois foi criada pela mãe, avó materna e tias.

E em toda noite de Natal, ela encontrava seu presente, uma carta-resposta do Papai Noel e a certeza de que os sonhos se tornam realidade.

O tempo foi passando e a menina crescendo e questionando nunca ter visto o Papai Noel deixando seu presente. Escutava umas conversas estranhas das adultas e fazia várias perguntas à família:

Por que nunca vi o Papai Noel?

Por que tem Papai Noel de um monte de jeito no Shopping? Quem é o que deixa meu presente?

Por que o presente está sempre escondido?

Cada resposta gerava novas perguntas.

Mas, a cada resposta, a magia que cercava o Natal se sentia enfraquecida.

E teve um Natal, num ano sombrio, onde o encanto se quebrou. A realidade bateu na porta nessa noite sem os sinos e sem os sonhos. Essa noite trouxe raiva para a menina. Ela conheceu a injustiça.

A partir dessa noite, vieram pensamentos catastróficos em sua mente, impulsos de se isolar e falta de esperança.

O encanto do Natal se transformou em grito de socorro.

A mãe que abriu a porta para a realidade, trouxe acolhimento junto.

A avó trazia o alimento farto todos os dias com sabor de amor, amor maior do que tudo.

A prima também trouxe alegrias para todos os dias que antecederiam o Natal. E quando chegou a meia noite de vinte e cinco de dezembro, a menina já estava enfeitada novamente com os sentimentos do Natal e com aquela esperança que o Papai Noel trouxera por muitos anos.

Patricia Pedrosa



Patricia Pedrosa Trippodo, 49 anos, nasceu em: **21/10/1975**, natural de Cabo Frio na belíssima Região dos Lagos. Após o seu nascimento, sua Cidade foi, e é até os dias de hoje, Saquarema/R.J.

Tem dois filhos, o Giuseppe(21) e o Guilherme(08).

Professora de Educação Infantil e Séries Iniciais do 1º segmento do Município de Saquarema a mais de 26 anos. Graduanda no Curso de Pedagogia Univassouras, ama poesia, literatura e boa música.

Filha de uma mineira de Muriaé com um italiano da Sicília(Palermo). Porém, foi desde a infância que recebeu forte influência musical e da escrita poética através de seus Avós Paternos.

Acredita na força da escrita, reciprocidade poética, amabilidade e sua autenticidade são sua essência.

”A atitude precede os títulos.”



Conto Natalino com significado e sabores.



Antigamente, reza a tradição de uma pequena família de origem siciliana, situada em Palermo, que os deliciosos pasteizinhos doces “Cassatelle” se tornaram tradicionais na época do advento. Olha que linda história, que se perpetuou com o tempo.

Minha nonnita Edda Della Penna preparava com tanta maestria, mexia, remexia, produzia variedades dos pastéis doces para alimentar os netos e todas as outras crianças daquela aldeia, que por ali porventura passassem, naquela rua gélida no mês de dezembro. Calçadas cobertas com muitas camadas de neve vinham e voltavam o pensamento sobre a população daquele lugarejo, na travessia de estar vivendo a guerra, onde famílias inteiras precisavam esperar. A nostalgia se instalou por toda parte, além de toda a saudade dos soldados no campo de batalha. O que trazia acalanto nestas épocas, eram os aromas que começavam exalar no ar.

A beleza das luzes que brilhavam, em vários tons de dourados, alaranjados, avermelhados, sombras e fumaça, lamparinas imponentes, castiçais, velas.

O calor do fogo estalava, zumbia, soava, soprava um vapor quente. Ali do lado da lareira, aquecendo o ambiente, estavam parados, recordando sobre os que ainda estavam guerreando, sem saber se iriam retornar.

De repente, um som tímido tomou conta do ambiente, a Nonnita começou a cantarolar, encantando todos que por ali passavam nas ruas da vizinhança, onde estavam a passar.

A alegria se misturava com a tristeza dos soldados italianos. O que fazer para a dor amenizar?

Vou preparar os “Cassatelles” para confortar. Eles não de regressar!

Algumas horas depois, o cheirinho começou a circular, todos buscavam o AROMA que parecia peculiar, de mais uma fornada dos pastéis que estavam no forno da Nonnita acabando de assar.

Havia grande movimentação na cozinha, a Nonnita controlava canções, para alegrar, embalados no balé dos tabuleiros, vai e vem dos Cassatelles, agora podemos Nonnita, provar?

Não dava tempo de esfriar!

Me lembro das memórias afetivas, são todas elas vivas, neste Conto Natalino irão se eternizar.

Bailarinas típicas italianas,

Coloridas, Rodopiando,

Rodopiavam,

se entrelaçam!

Musicando,

Aguçando,

Acalorando os coraçãozinhos, naquela animada cozinha.

Auguri!!!

Iremos todos festejar!

Com canecas de gemadas, iremos BRINDAR!

Naquela pequena aldeia de Palermo, decidiram então imitá-la, os outros anciãos, foram ouvir sobre os Pasteizinhos Cassatelle que a Nonnita Edda fazia para ofertar.

Os Cassatelles ficaram conhecidos nas redondezas, por todos daquele lugar, sonhavam com os soldados, preces e rezas ao “Menino Jesus”, aos homens que estavam em guerra, o Bom Deus os guardará.

Seguindo atentamente, aos ingredientes que eram utilizados na “antiga receita da Nonnita”, para o preparo dos Cassatelle, iremos precisar de:

✓Farinha de trigo

✓Gemas de ovos

✓ Pitada de sal e água morna para dar a liga, suprema delícia irá se tornar. Entretanto, precisa amassar, sovar, masserar, para uma massa homogênea leve, se tornar. Ops!

É necessário colocar a massa para descansar!

O recheio delicioso iremos listar, para nenhum item faltar.

✓Ricota fresca

✓Amêndoas

✓Frutas cristalizadas da estação

✓Canela com generosidade

✓Mel bem a vontade, para adoçar.

Na melodiosa cozinha, em meio às canções natalinas, todos irão degustar.

As pessoas iam chegando, apareceram como mágica, se espremendo, se amontoando, se apertando na véspera de natal. Buscando ali, naquela casa rústica, o CHEIRINHO que se sentia de longe, ESPERANÇA da VIDA, um acalanto, receber encontrar.

Um pouco antes da meia-noite, os sinos da capela da Padroeira Italiana, começaram a ressoar, badalar, ecoar, anunciar...

Boas notícias!

A segunda grande guerra mundial havia acabado, os homens, nossos SOLDADOS poderiam regressar.

Todos gritavam com emoção!

Auguri!

Auguri!

Auguri!

Milagre da doçura de alguém, que mesmo na incerteza e/ ou na dor da ausência dos entes queridos, não dispensou ninguém, se pôs à servir na cozinha, produzindo além dos pastéis doces, o milagre estava para se revelar.

Qual o valor de preparar e alimentar, alguém pode mensurar?

Os pasteizinhos doces tornaram-se a maior tradição, em quase todas as casas na região de Palermo, muito amor e devoção.

A Fé foi renovada em cada coração.

Abastança ao redor da casinha, no final da rua daquela aldeia, onde habitavam:

Bondade com cheirinho de canela e mel.

Saudades açucaradas, Eternizadas ali seriam,

Em cada véspera de Natal!

A lembrança do “Pastel Doce”, se associou à volta dos Soldados, dos bravos valentes, trazendo consigo:

Medalhas!

Mutilados!

Feridos!

Até os desenganados de guerra retornaram, (Re)tornou à PAZ naquele lugar.

Os Soldados se abraçavam às suas famílias, ali num momento memorável dos festejos natalinos. Irão todos SABOREAR...

O vinho tinto, pães com azeite de oliva puro, la pasta al forno ao sugo de tomate, na ceia de Natal não poderiam faltar.

O protagonista deste Conto de Natal, foram os “Cassatelles”.

Nos presenteando com o sabor inegável da tradição Siciliana, que a Nonnita amorosa desejou compartilhar e irá se perpetuar. Quando a amabilidade convidamos para em nossas casas habitar, muito milhares e milhões de milagres saborosos iremos viver. LÁ Vita, experienciar!

“milagre da noite de natal” relembrar.

Poesias, alma e sabor.

Se findou a segunda grande guerra, vamos comemorar?



Jiddu Saldanha

Organizador

Mora na cidade de São João Del-Rei, Minas Gerais.

Fundou o Portal Ornitorrincobala, em 2020 e passou a criar e-Books para escritores, artistas visuais, empresários, instituições de ensino, etc...

Participou da Bienal do Livro do Rio de Janeiro - RJ, Bienal de Belo Horizonte - MG, Circuito Off da Flip de Paraty - RJ, FLAP - Amapá - AP, Feira Pan Amazônica - AP, Feira do Livro de Porto Alegre - RS, Jornadas Literárias de Passo Fundo - RS, Bienal de Fortaleza - CE e outros certames literários espalhados pelo Brasil.

Faz parte do "Clube de Leitura da Casa Amarela", na cidade de Saquarema, fundada pela poeta Roseana Murray.



FICHA TÉCNICA

“CONTOS DE NATAL”

Antologia contos - vol. VII
Clube de Leitura da Casa Amarela

IMAGENS

CAÓ CRUZ ALVES nos contos de Angela Quintiéri
e Fernando Queiroz.
Damais imagens captadas pelos autores
e do acervo CANVA.

DESIGN GRÁFICO

Jiddu Saldanha

REVISÃO

A revisão é de responsabilidade de cada autor

ISBN nº 978-65-85568-15-9

CLIQUE AQUI

